

## **Apresentação**

### **Práticas e perspectivas decoloniais no ensino de línguas**

**Letícia Fonseca Richthofen de Freitas<sup>1</sup>**

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil

**Eduardo Espíndola Braud Martins<sup>2</sup>**

Universidade Federal de Rondonópolis, Rondonópolis, MT, Brasil

**José Sena<sup>3</sup>**

Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, PA, Brasil

É com um sentimento de alívio que iniciamos este texto de apresentação dos artigos que compõem o dossiê “Práticas e perspectivas decoloniais no ensino de línguas”. Alívio porque depois de quatro anos de muita luta e de muita resistência, tentando conjugar o verbo esperar mesmo diante de tantos ataques e de uma pandemia, passamos por uma eleição que restabeleceu as bases de um regime democrático e um projeto de governo comprometido com o combate a desigualdades de toda ordem.

É com esse alívio que gostaríamos de apresentar os artigos do dossiê que abarcam concepções e entendimentos plurais sobre a decolonialidade no ensino de línguas. Essa pluralidade se faz presente sobretudo em formas mais ou menos radicais e insurgentes de os artigos romperem com uma matriz colonial de saber, calcada na racionalidade e no modo eurocêntrico de se conceber a pesquisa e o ensino de línguas. Como não há uma única maneira de se pensar a decolonialidade, consideramos que o exercício proposto nos artigos que compõem esta coletânea é bastante salutar no sentido multiplicar os modos de desestruturar o pensamento eurocêntrico e a colonialidade.

Logo no início, os/a organizadores/a propõem um exercício de reflexão trino. Com base na articulação de três olhares sobre a crítica da colonialidade, o texto que introduz o dossiê ensaia elencar aspectos fundamentais para (des)pensar a colonialidade sem impor uma coerência lógica ou um caminho linear, como a própria experiência decolonial nos provoca.

A seguir, landra Maria Weinrich da Silva Coelho, guiada pela pedagogia crítica e pela pedagogia pós-método, indica, com base em Centros de Línguas, ações que possibilitam

<sup>1</sup> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3544-7633>. E-mail: [leticia.freitas@ufpel.edu.br](mailto:leticia.freitas@ufpel.edu.br).

<sup>2</sup> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8357-4952>. E-mail: [eduardo.espindola@ufr.edu.br](mailto:eduardo.espindola@ufr.edu.br).

<sup>3</sup> Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4422-8800>. E-mail: [senagoeldi@gmail.com](mailto:senagoeldi@gmail.com).

reinventar as experiências de aprendizagem, a fim de desenvolver uma consciência não somente linguística, mas social, política e cultural. No artigo “A apresentação do indígena no LD de Português: contribuições para uma formação decolonial?”, as autoras, com base em uma análise documental, constataam ainda haver uma hegemonia europeia do conhecimento no que tange à apresentação de indígenas no livro didático. “Respeita as Mina”’: Por uma Pedagogia Crítica Feminista no Ensino de Língua Portuguesa descreve propostas e atividades para a construção de estratégias pedagógicas inspiradas em epistememes feministas no ensino de Língua Portuguesa. O quadro teórico apresentado busca conectar epistememes feministas e pedagogias críticas que operam no sentido de possibilitar o engajamento discente na luta por justiça social.

Com o foco específico no ensino de línguas e em materiais didáticos, destacamos um conjunto de seis artigos que se inicia com “Cartografias de re-existência: produção de materiais didáticos em perspectiva decolonial”. Os autores e a autora defendem que a produção de materiais didáticos em zonas de fronteira devem ser *suleados*, e fazem sugestões para a produção de materiais didáticos sob uma perspectiva decolonial. Também na concepção de um olhar *suleado*, Doris Cristina Vicente da Silva Matos e Jakelliny Almeida Santos, no artigo “Olhares *suleados* à educação linguística do espanhol: análise curricular dos cursos de letras espanhol da UFS”, analisam dois projetos pedagógicos de cursos de Letras que contemplam formação em Língua Espanhola, a fim de identificar de que maneira tais currículos são mais voltados às vozes do Sul ou do Norte global.

Já em “O ensino do PLE/PLA no Projeto Destino Brasil: preparação de materiais a partir de uma atitude decolonial”, Elaine Maria Santos analisa as atitudes decoloniais perceptíveis em um curso de PLE/PLA ofertado no Projeto Destino: Brasil, chegando à conclusão de que o referido curso adota uma didática decolonial. O artigo “A transgressão da extensão universitária nas fronteiras do aqui-agora: O Ensino-Aprendizagem de Línguas Amanhã e Além” preconiza, com base também na análise de um projeto, este de extensão, que a universidade deve, sobretudo no momento conturbado que atravessamos, assumir seu papel e sua responsabilidade social enquanto instituição e intensificar o diálogo com a comunidade.

A análise das crenças de estudantes sobre os processos de ensino e de aprendizagem de língua adicional, por meio de narrativas, é o foco do artigo “Aprendizagem inventiva e um ensino de Língua Inglesa decolonizador: análise das crenças de estudantes de Letras”. O estudo identificou seis crenças que podem limitar o aprendizado e propôs uma tarefa sobre a crença do mito do falante nativo. Ainda em relação ao ensino de línguas, o artigo “Pedagogia engajada em um sistema de autoria aberto para o ensino de línguas” preconiza a necessidade de uma reflexão crítica por parte de professoras e professores e a elaboração de material didático de sua autoria, a fim de que seja adotada uma perspectiva decolonial de educação. A análise de atividades *online* elaboradas por um grupo docente demonstra seu alinhamento ao pensamento decolonial.

Ainda, compondo esse número de artigos que tentou, de diversas formas, se aproximar de um pensamento decolonial, temos um artigo lança um olhar sobre a política

linguística de Macau a partir de uma perspectiva decolonial. Sijuan Tang analisa, em “Uma perspectiva decolonial sobre a política linguística de Macau”, a história e a situação atual dos idiomas desta região administrativa da China, com o foco em sua composição linguística complexa.

Para além do ensino de línguas, dois artigos se debruçam sobre as possibilidades de se pensar o ensino de Literatura a partir da perspectiva da decolonialidade. No caminho das profícuas reflexões sobre obras literárias, Imara Bemfica Mineiro, em “Uma luta de geografias e calendários: relatos zapatistas, princípios do *buen vivir* e reflexões sobre uma pedagogia do sonho”, aborda formas de se pensar uma pedagogia do sonho, com base na potencialidade de alguns contos reunidos em *Los otros cuentos: Relatos del Subcomandante Marcos*. Partindo da questão a respeito de como a obra de Eduardo Galeano se articula com a teoria pós-colonial, Matheus Costa Tatsch e Rosane Maria Cardoso, no artigo “¿Qué dicen las paredes? Leituras de Eduardo Galeano na sala de aula”, conduzem algumas reflexões sobre possíveis caminhos pedagógicos da obra de Galeano nas aulas de Língua Espanhola.

Com a leitura dos artigos que compõem este número da Revista Linguagem e Ensino, esperamos provocar a que se reflita sobre como há muitas possibilidades de se agir na decolonialidade. Gostaríamos de levantar, entretanto, a questão de que muito ainda há de se fazer para se romper com as amarras da matriz colonial de poder, para que nossas pesquisas e nossas atitudes como professores/as e pesquisadores/as sejam decoloniais. Que a decolonialidade não figure somente em alguns parágrafos de nossos textos, mas que adotemos epistemologias outras, que possibilitem um pensar e um fazer decolonial.